

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA
14 e 25 de Maio de 2022

IL SOSPETTO / 1975
(O Suspeito)

Um filme de Francesco Maselli

Realização: Francesco Maselli / Argumento: Francesco Maselli e Franco Solinas / Direcção de Fotografia: Giulio Albonico / Cenários: Gabriele d'Angelo / Guarda-Roupa: Giovanna Deodato / Música: Giovanna Marini / Som: Remo Ugolinelli / Montagem: Vincenzo Verdecchi / Interpretação: Gian Maria Volonté (Emilio), Renato Salvatori (Gavino Pintus), Annie Girardot (Teresa), Felice Andreasi (Alessandri), Pietro Biondi (dirigente da OVRA), Antonio Casale (Resta), Annabella Cerliani, Bruno Corazzari, Guido de Carli, Ernesto Colli, Franco Balducci, etc.

Produção: Cinericerca / Produtora: Grazia Volpi / Cópia: DCP, cor, falada em italiano com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 111 minutos / Estreado em Portugal: Estúdio 444, a 13 de Fevereiro de 1979.

Francesco Maselli (nascido em 1930, ainda vivo) não é um dos nomes mais conhecidos do cinema italiano do pós-guerra, mas tem um percurso que o coloca bem no centro de algumas das mais importantes correntes desse período. A II Guerra Mundial, que viveu adolescente, fez-lhe despertar uma consciência política que cedo o motivou à acção – ainda durante a guerra, muitíssimo jovem, dinamizou uma “União dos Estudantes Italianos” – e que esteve por detrás de grande parte da sua futura obra como realizador, balizada entre os anos 50 e o ano de 2009 (quando estreou o seu último filme à data, **Ombre Rosse**). Lançou-se como assistente de Michelangelo Antonioni, no final dos anos 40, mas também colaborou com Luchino Visconti ou com um dos avatares do neo-realismo, com quem co-escreveu a estreia na realização (um episódio do filme de sketches **L'Amore in Città**, de 1953). Da sua obra, hoje pouco vista e um tanto esquecida (**Il Sospetto**, por exemplo, nunca foi sequer editado em DVD), referem-se habitualmente alguns títulos de destaque, como **Gli Sbandati** (sua primeira longa), a adaptação de Moravia em **Gli Indifferenti** (1964) e este **Il Sospetto**.

É um filme histórico e é um filme político, feito duma forma – austera, séria, sem contemplações – como hoje rareia. São os anos 1930 do fascismo, e as vicissitudes por que nesse período passou o PCI, com as cúpulas no exílio em Paris e os militantes em Itália sempre ameaçados pelas denúncias ou pelos espiões infiltrados pela OVRA (a polícia política de Mussolini). Um cenário, de resto, que não fica longe de lembrar o ambiente do quase contemporâneo **Il Conformista** de Bernardo Bertolucci. A personagem principal, o Emilio de Gian Maria Volonté (soberbo), é um modelo mais ou menos idealizado a partir de figuras – e a atitudes – do PCI na década de trinta. É um fiel absoluto, provido de um sentido de missão a toda a prova, que sabe que obedecer às hierarquias é uma necessidade total em tempos de clandestinidade, mesmo a missão e a

obediência impliquem o sacrifício pessoal (e ele sabe que aqui há mesmo um caso de sacrifício pessoal, como se vê na ríspida “punch line” do filme, que daí salta logo para o genérico de fecho, sobre um paralítico do rosto de Volonté).

A densidade política, e portanto, também, moral, de **Il Sospetto** talvez nos escape um pouco se não conhecermos aprofundadamente a história italiana do período fascista ou, especialmente, a história do PCI nesse e noutros períodos. Mas a introspecção que Maselli opera sobre a psique do Partido Comunista italiano é tanta que encontramos textos de autores italianos a darem conta de como, à época de estreia, e num ambiente político que também já anunciava uma “crise” para o PCI, o filme gerou debate entre os comunistas italianos, como se a “introspecção” de *Il Sospetto* tivesse propulsionado semelhante processo dentro do partido, e o tivesse impelido a uma reflexão sobre a sua história e o seu percurso.

A estrutura é, de resto, uma estrutura “em percurso”, seguindo o périplo de Emilio e os seus encontros. São muito mais os diálogos do que as cenas de “acção”, e os diálogos são temperados por monólogos, reflexões ou fluxos de pensamento dados em voz “off” – assim criando uma distância que corresponde, provavelmente, ao tempo que transcorreu entre os anos 1930 e os anos 1970. A reconstituição de época é reduzida a um mínimo de verosimilhança, sem nada de grande espectáculo. O que interessa a Maselli é um ambiente, mais ou menos paranóico, e por isso cerradíssimo (é um filme escuro, e maioritariamente de interiores). E é o que mais se impõe a uma visão contemporânea, reforçado pelo rigor, pela total ausência de efeitos melodramáticos que leva o filme a uma enorme frieza (analítica, se quisermos), por uma narrativa que parece construída por um cineasta em plena consciência daquilo que quer e de para onde pretende levar o seu filme.

Luís Miguel Oliveira